

O alienista e El alienista: uma análise comparativa do conto de Machado de Assis e de sua versão em língua espanhola

Prof^a. Dr^a. Márcia Valéria Seródio Carboneⁱ (FEMA)

Resumo

Em *O alienista*, conto de Machado de Assis, o médico Simão Bacamarte pretende investigar e curar a todos os moradores de uma pequena cidade que considera desequilibrados emocionalmente. Com extrema maestria, Machado coloca em cena a temática da própria loucura humana, ou seja, as sutilezas que separam a sensatez da insensatez, aproximando, assim, os homens de todos os lugares e épocas. Por meio da análise de *O alienista* e de sua tradução espanhola, *El alienista*, de responsabilidade de José Luis Sánchez, pretende-se traçar um breve paralelo entre ambas as versões, sobretudo no sentido de investigar até que ponto a versão espanhola consegue, de fato, se equiparar à versão original brasileira, sem perder de vista o tão característico estilo machadiano, descontínuo e pontilhado de vazios, a fim de formar novos leitores/apreciadores do legado machadiano à humanidade.

Palavras-chave: tradução; espanhol; ciência; poder; loucura.

1. Introdução

No mesmo ano de publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis publica, em folhetins, o conto “O Alienista”, que, posteriormente, será incluído no volume *Papéis Avulsos*. Pela extensão, a obra esbarra nos limites de uma novela.

No presente trabalho, objetivamos verificar se a versão espanhola de “O Alienista” mantém a verve machadiana da ironia, do humor, da crítica à hipocrisia da época, ao cientificismo e ao positivismo. Para tanto, basear-nos-emos em três pilares identificados na leitura da obra (I) a investigação filosófico-psicológica dos níveis da loucura; (II) a análise sociológica da liderança sobre as massas sociais; e (III) a digressão sobre os marcantes traços de humor, sarcasmo e ironia, tipicamente machadianos, presentes na obra. A partir destes três enfoques, trataremos da questão da tradução, haja vista que a tradução de uma obra de arte apenas se justifica no caso de trazermos à tona o que dela há de mais peculiar: a literariedade. Oriundo daí também é o modo como desenvolvemos esta análise, ou seja, a partir dos três enfoques acima mencionados, traremos excertos explicativos no decorrer deste trabalho. Desses mesmos excertos, exporemos a tradução em espanhol. A partir daí, então, é que tocaremos na questão da tradução do original português para a língua espanhola. Não se tem a pretensão aqui, até por conta do aspecto de um artigo, de esgotar o problema da versão

espanhola de “O alienista”. Nossa finalidade aqui é a de acrescentar mais uma possibilidade de estudo desta obra machadiana.

Em função do objetivo a que este estudo se propõe, tornam-se necessários alguns breves apontamentos teóricos. Primeiramente, trabalha-se aqui com uma obra literária denominada conto. E o que vem a ser um conto? Ensina-nos Moisés (2006, p. 37 e 40) que “o conto é, do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance, mas isso não significa que deva poder, necessariamente, transformar-se neles. Como a novela e o romance, jamais deixa de ser conto a narrativa que como tal se engendra.” O mesmo autor (2006, p.78) salienta ainda que, do ponto de vista dramático, o conto é unívoco e univalente. No que diz respeito a “O alienista”, Moisés designa-o como um conto de ideia: “implicando uma visão crítica, filosófica, da existência, nesse tipo de conto, Machado procura oferecer uma síntese de suas observações acerca dos homens e do mundo.” Para explicar tal enquadramento, o teórico da literatura observa que tudo, em “O alienista”, desencadeia no leitor uma única ideia (os limites entre a sanidade e a loucura), sem cair, é claro, no clichê.

Por conta de tratarmos aqui da questão da versão espanhola de “O alienista”, faz-se necessário também considerar a tradução de textos literários. Arrojo (1999, p.8, 9 e 12) salienta que é importante liberar a imaginação quando se tenta entender uma metáfora numa língua estrangeira e que a tradução envolve um constante processo de tomada de decisões. Observa ainda que o fundamental, no processo de tradução, é que todos os componentes significativos do original alcancem seu destino (a língua-alvo), de maneira a serem usados pelos receptores.

2. “Em terra de cego quem tem um olho é rei”: a investigação filosófico-psicológica dos níveis da loucura

Na época em que foi publicado “O alienista”, fervilhavam as teorias científicas, dentre as quais, talvez a mais marcante tenha sido o positivismo. No *Dicionário Houaiss* (2009), encontramos a seguinte definição para o termo: “sistema criado por Auguste Comte (1798-1857) que se propõe a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas; comtismo”. Praticamente impossível não perceber em “O alienista” uma reação crítica de Machado a tal postura filosófico-científica.

Simão Bacamarte, personagem principal da obra, agrega em si, as características imprescindíveis, ao menos na visão dele próprio, para o exercício da medicina. Para o ilustre médico, a ciência está acima absolutamente de tudo: da família, da esposa, dos relacionamentos com amigos. É o que podemos perceber pela justificativa que dá por não permanecer na Europa: “—A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.” (ASSIS, 1996, I, p.9). Segue a versão em espanhol: “- La ciencia – dijo a Su Majestad – es mi única ocupación; Itaguaí es mi universo.” (ASSIS, 2000, I, p.9)

Assim como no seguinte trecho, em que Bacamarte justifica a escolha de uma esposa cuja aparência não é o ponto forte:

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas,—únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. (ASSIS, 1996, I, p.10)

Simão Bacamarte le explicó que doña Evarista reunía condiciones fisiológicas y anatómicas de primer orden: digería con facilidad, dormía regularmente, tenía buen pulso y excelente vista; era pues apta para darle hijos robustos, sanos e inteligentes. Si, aparte de esas cualidades — únicas dignas de la preocupación de un sabio—, doña Evarista no poseía facciones muy agradecidas, lejos de deplorarlo se lo agradecía a Dios, porque no corría el riesgo de posponer los intereses de la ciencia a la contemplación exclusiva, minuciosa y vulgar de su consorte. (ASSIS, 2000, I, p.10)

No que tange à versão espanhola, cumpre observar o seguinte enunciado “*doña Evarista no poseía facciones muy agradecidas*”, tradução de “*D. Evarista era mal composta de feições*”. Em consulta ao *Diccionario de la RAE* - Real Academia Española (2011) , o termo “*facción*” apresenta as seguintes acepções: (a) grupo de pessoas amotinadas ou rebeladas; (b) bando, grupo de pessoas violentas; (c) cada uma das partes do rosto humano; (d) ato do serviço militar como guarda, patrulha etc.; (e) forma em desuso: ação de guerra; (f) expressão antiga: forma e disposição com que algo se distingue de outra coisa; (g) forma antiga: feitura. Já o termo “*feitura*” / “*hechura*”, em uma das acepções, “*configuração que se atribui a algo*”, se adequaria, sim, ao português “*feições*”. No entanto, a acepção “*hechura*”, em referência a “*facción*”, possui uma rubrica de termo antigo ou em desuso. Considerando que traduzir é fazer chegar à língua de destino o sentido original do texto, concebemos como um emprego inadequado do termo “*facción*”, em se tratando da aparência de Dona Evarista. Nesse caso, sugeriríamos “*apariencia*”.

E se o critério de escolha de Dona Evarista, era, do ponto de vista de Simão Bacamarte, apenas a geração de filhos, frustrou-se o nobre médico. Tal decepção não nos impede de conjecturarmos: como alguém tão sábio, um exímio médico, se deixa levar por algo assim ou será que o próprio Machado não nos está mostrando tratar-se de alguém não tão sábio assim? Eis, com efeito, o ridículo pelo qual passa o eminente cientista. O fato é que Dona Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte. No entanto, ele não se deixa sucumbir, sempre em busca de seus ideais científicos:

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção,—o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. (ASSIS, 1996, I, p.10)

Pero la ciencia tiene el inefable don de curar todas las penas; nuestro médico se sumergió enteramente en el estudio y en la práctica de la medicina. Fue entonces cuando uno de los recovecos de ésta le llamó especialmente la atención: el recoveco psicológico, el examen de la patología cerebral. (ASSIS, 2000, I, p.11)

Nos fragmentos acima, é possível detectar o narrador onisciente, na 3ª pessoa, que, pelo emprego do possessivo “nosso” / “nuestro”, quer tornar-nos, como leitores, cúmplices do fato narrado. Eis uma peculiar estratégia de Machado: a interação, o diálogo com o leitor.

Mais adiante, no momento da rebelião, quando querem, liderados pelo Barbeiro Porfírio, pôr abaixo a Casa Verde, Simão Bacamarte diz que só deve satisfação aos seus superiores e à ciência...

—Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus.[...] Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes. (ASSIS, 1996, VI, p.49)

– Señores míos, la ciencia es algo muy serio, y merece ser tratada con seriedad. No doy razón de mis actos de alienista a nadie, salvo a los maestros y a Dios. [...] Podría invitar a algunos de vosotros, en representación de los demás, a venir conmigo a ver los locos reclusos; pero no lo voy a hacer, porque sería daros cuenta de mi sistema, lo que no haré con legos ni rebeldes. (ASSIS, 2000, VI, p.65)

3. Bacamarte e a competência do saber/poder-fazer: uma análise sociológica da liderança sobre as massas sociais

Da leitura deste conto, se depreende o quanto o Dr. Bacamarte, na pequena cidade de Itaguaí, consegue exercer o domínio sobre a grande massa e até sobre as poucas mentes mais doutas, como é o caso do padre Lopes. A razão por que isso ocorre se deve a que o médico possui uma competência da qual os itaguaienses são privados: o domínio da ciência. E, como, “em terra de cego quem tem um olho é rei”, Simão Bacamarte é tido pela população de Itaguaí como alguém acima do bem e do mal, acima de qualquer suspeita. Ninguém sequer ousa nutrir a menor objeção às solicitações do médico, tamanha sua eloquência e o seu poder de argumentação.

Nisto, obviamente, é que se assenta uma severa crítica de Machado à subserviência de toda uma massa populacional aos caprichos de um cientista (alienista ou alienado?). O personagem em si nos faz lembrar grandes ditadores da história, mesmo os que vieram depois da publicação de “O alienista”. Isto justamente porque é inerente à vida em sociedade a supremacia de alguns sobre os demais, especialmente em função da aquisição de um determinado saber. Nesse caso específico, o saber científico sobrepuja os demais, como se sequer nem existissem... A leitura que se faz da presença de tão ilustre profissional numa pequena cidade é a de que todos se sentem lisonjeados, cegamente, pela presença do médico.

Mesmo em se tratando de uma ficção, vê-se que Bacamarte é gerado sob forte argumento de autoridade: é filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estuda em Coimbra e Pádua e retorna ao Brasil. Além disso, não atende à solicitação de el-rei para que fique em Coimbra, regendo a Universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia. Sua dedicação exclusiva é à ciência. Sobre esta questão de poder, bastante pertinentes também são as considerações de Silva:

Embora escrito há mais de um século, as palavras machadianas permanecem atuais. A obra permite a reflexão sobre a literatura enquanto um saber que também se indaga sobre o seu tempo e questiona a verdade e o poder estabelecidos. Trata-se de outro saber, que não se pretende científico, mas que é tão legítimo quanto aquele. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/072/72ozai.htm>> Acesso em 03.07.11

Logo no primeiro capítulo, vemos a seguinte descrição de Bacamarte:

Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores. (ASSIS, 1996, I, p.10)

No había en la colonia, y ni siquiera en el reino, una sola autoridad en tal materia, mal explorada o casi inexplorada. Simão Bacamarte comprendió que la ciencia lusitana, y particularmente la brasileña, podía cubrirse de "laureles inmarcibles", - expresión usada por él mismo, pero en un arrebato de intimidad doméstica -; exteriormente era modesto, como conviene a los sabedores. (ASSIS, 2000, I, p.11)

Igualmente interessante é o momento em que Bacamarte resolve dedicar-se aos dementes: para isso propõe a construção da Casa Verde, mediante estipêndio advindo da Câmara, quando a família do doente não o pudesse fazer. A proposta causa grande agitação em toda a população e gera resistência por parte dos vereadores. A própria ideia de colocar os possíveis loucos, vivendo em comum, parece à Câmara um sintoma de demência. Não obstante as opiniões contrárias, o resultado obtido pelo médico foi bem outro, graças à sua manipulação retórica e inteligência:

Dali foi à Câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. [...] Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. (ASSIS, 1996, I, p.12)

De allí se fue AL Consistorio, donde los concejales debatían la propuesta, y la defendió con tanta elocuencia que por mayoría se decidió concederle lo que había pedido, al mismo tiempo que votaron un impuesto destinado a

subvencionar el tratamiento, alojamiento y manutención de los locos pobres. [...] Se engañara el digno magistrado; el médico lo arregló todo. (ASSIS, 2000, I, p.12-13)

Ou, depois de soltar a todos os aprisionados em nome dos seus experimentos científicos, estes ainda lhe prestam homenagem:

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; crescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e fervido entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. (ASSIS, 1996, XII, p.68)

No sólo acabaron las quejas contra el alienista, sino que incluso no quedó ningún resentimiento por los actos que había cometido; es preciso añadir que los reclusos de la Casa Verde, desde que los habían declarado totalmente juiciosos, se sintieron poseídos de un profundo reconocimiento y de un ferviente entusiasmo. Muchos consideraron que el alienista merecía un homenaje especial y le organizaron un baile al que siguieron otros bailes y cenas. (ASSIS, 2000, XII, p.106)

Com relação aos dois últimos fragmentos acima, chama-nos a atenção a expressão espanhola “es preciso añadir”, correspondente ao original português “acrescendo”. Observa-se a preferência do tradutor pelo emprego do que se convencionou designar “Expressão para designar a necessidade”. Segundo Matte Bon (1999, p.63), a expressão “hay+que+infinitivo” é usada para expressar com impessoalidade a necessidade de que se faça algo numa situação dada. Muito frequente no espanhol, a expressão equivale ao português “ter+que+infinitivo”. Matte Bon também aponta outras expressões que, em espanhol, indicam a necessidade de se fazer algo: “necesitarse + verbo no infinitivo / substantivo”; “hacer falta + infinitivo / substantivo”; “ser necesario” + infinitivo / substantivo; “ser preciso” + infinitivo / substantivo. Salienta ainda o gramático espanhol (1999, p.65) que esta última expressão “ser preciso” + infinitivo / substantivo apresenta mais uma conotação culto literária, com um certo sabor arcaico.

Ora, pelo fato de “El alienista” ter sido publicado em 2000, entendemos que se destina ao público espanhol dos dias atuais, pelo que não se justifica o emprego de “*es preciso añadir que los reclusos de la Casa Verde*”. Concebemos como mais adequada a expressão “hay que añadir”.

4. Narrador-onisciente: traços de humor, sarcasmo e ironia de Machado de Assis

“O alienista” é um conto relatado em discurso de 3ª pessoa, por um narrador onisciente. Ao longo de toda a obra, contudo, e por várias vezes, há sempre a referência às crônicas da vila de Itaguaí e aos seus cronistas. Ora, quem eram esses cronistas? E o que

eram essas crônicas? No *Dicionário Houaiss* (2009), o termo “crônica”, na rubrica histórica, que é a mais se encaixa no assunto em pauta, aparece como a “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo. Originalmente, a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; a partir do século XIX passou a refletir também a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc.”.

A julgar, principalmente, pela primeira alusão às crônicas, já no primeiro capítulo de “O alienista”, a saber: “As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico [...]” (ASSIS, 1996, I, p.9), e sua versão espanhola “Las crónicas de la villa de Itaguaí dicen que en los tiempos remotos vivió allí un cierto médico [...]” (ASSIS, 2000, I, p.9) - o termo “crônicas” é determinado também pela expressão “tempos remotos”, acrescida do verbo no pretérito mais-que-perfeito. Ora, a constante menção a “crônicas” e/ou a “cronistas” como que assegura ao relato da história do alienista um suposto argumento de autoridade quanto ao seu conteúdo, justamente porque muito antigo, isto é, já anteriormente registrado por outros. Além disso, tal referência aos cronistas também faz o leitor pressupor, por parte do narrador, certa isenção quanto ao fato narrado. Típica estratégia machadiana...

Por outro lado, como se configura o papel do narrador? Este mesmo que nos faz chegar a história do tal médico em Itaguaí? Temos, na verdade, um narrador que supostamente reconta o que os cronistas já teriam relatado. Eis aqui mais um recurso de Machado: fazer-nos pressupor que os cronistas já disseram tudo... É justamente nesses momentos que surgem as opiniões/inserções desse narrador, ou melhor, as suas tão interessantes “intromissões”. Apresentamos três exemplos, nos quais há um narrador que tece considerações e comentários em discurso de 1ª pessoa. Cumpre salientar que a totalidade do conto, com exceção desses três excertos, é narrada em 3ª pessoa.

O primeiro exemplo diz respeito ao caso da prisão do Costa, um sujeito que dilacerou sua fortuna, emprestando-a aos outros. Sua prima, na esperança de esclarecer, ao alienista, quem era de fato o Costa, acaba também por ser presa. Muito interessante o trecho entre parênteses, marcadamente machadiano, em que o narrador interage com o leitor, e nesse caso utilizando o discurso de 1ª pessoa: “A última pessoa que intercedeu por ele (**porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível médico**) foi uma pobre senhora, prima do Costa.” (ASSIS, 1996, V, p.31). Eis a versão em espanhol, com as mesmas características da inserção do narrador: “La última persona que intercedió por él (**porque después de lo que voy a contar nadie más se atrevió a buscar al terrible médico**) fue una pobre señora, prima de Costa.” (ASSIS, 2000, V, p.42)

Neste próximo exemplo, o narrador como que coloca em dúvida, muito sutilmente, a idoneidade de Bacamarte: “Alguns cronistas crêem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (**que não sei se pode ser aceita**) o fato de ter alcançado da Câmara uma postura [...]” (ASSIS, 1996, X, p.63). Igualmente entre parênteses segue a versão em espanhol da opinião do narrador: “Algunos cronistas creen que Simão Bacamarte no siempre procedía con llaneza y citan, en apoyo de esa afirmación (**que no sé si puede ser aceptada**) el hecho de haber obtenido del Consistorio una disposición [...]” (ASSIS, 2000, X, 94)

Diferentemente dos dois exemplos anteriores, no caso a seguir o comentário do narrador, em 1ª pessoa, não está entre parênteses. Contudo, pode-se notar a mesma veia crítica e sarcástica de Machado de Assis que, na pele de um narrador, relata a subserviência dos libertos de Bacamarte àquele que os aprisionou, sem qualquer critério:

O assombro de Itaguaí foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento. Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito; mas foram esplêndidas, tocantes e prolongadas. (ASSIS, 1996, XI, p.67)

El asombro de Itaguaí fue enorme; no fue menor la alegría de los parientes y amigos de los reclusos. Comidas, bailes, luces, canciones, de todo hubo para celebrar tan Fausto acontecimiento. No describo las fiestas porque no vienen al caso que nos interesa; pero fueron espléndidas, conmovedoras y prolongadas. (ASSIS, 2000, XI, 102)

Além desses arroubos de intromissão, em todo o restante do conto com discurso de 3ª pessoa, temos não apenas o relato puro e simples, mas as alfinetadas machadianas aos costumes da época, como no exemplo: “E vão assim as coisas humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do § 4º, uma frase cheia de experiências futuras.” (ASSIS, 1996, XI, p.67); em espanhol: “¡Así son las cosas humanas! En medio del regocijo producido por el informe de Simão Bacamarte, nadie advertía la frase final del cuarto apartado, una frase llena de experiencias futuras.” (XI, p.102) O emprego da exclamação na primeira frase traz ao texto mais do que uma narração: é a própria opinião do narrador, que vai dando o tom de como conduz o ato mesmo de narrar.

Com relação ainda aos fragmentos acima exemplificadores do narrador em 1ª pessoa, além de muitos outros casos identificados quando da comparação do original com a sua tradução, longe de desmerecer o trabalho do tradutor de “O alienista”, percebe-se algo como o designado por Arrojo (1999, p.12), isto é, o processo de tradução como transporte de significados entre língua A e língua B, de modo a fazer parecer que o texto original é um objeto estável, “transportável”, de contornos absolutamente claros. Trata-se, segundo a autora, de uma visão bastante tradicional e meramente mecânica do papel do tradutor, que não interpreta o que traduz.

5. Conclusão

Como já anteriormente mencionamos, com o presente artigo não temos a pretensão de esgotar este tema. Nem poderíamos fazê-lo aqui, pois este não é nosso objetivo. Nossa finalidade é a de simplesmente poder contribuir para os estudos em literatura comparada, mais especificamente refletir sobre algumas questões, que concebemos como intrigantes, a fim de proporcionar a discussão de tema tão relevante aos estudos da literatura brasileira: a tradução de uma obra machadiana para o espanhol.

Após as considerações ao longo deste breve estudo, fica claro que, mais do que simplesmente transpor de uma língua a outra, traduzir implica, necessariamente, trazer toda a fluência e a naturalidade do texto original à língua de chegada.

Com essa constatação e ainda que pese a necessidade um estudo mais acurado, respondemos à nossa questão inicial: a tradução de “O alienista” com a qual trabalhamos aqui - pelo fato de ser excessivamente mecânica, quase matemática -, não leva, ao que nos parece, para os falantes de espanhol (considerada a segunda língua mais falada no mundo, em termos de extensão territorial), aquilo que designamos como a verve machadiana ou seu maior legado: o sarcasmo, a ironia, o sentimento mesmo do português escrito por Machado.

Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).
- ASSIS, J. M Machado de. *El alienista*. Trad.: José Luis Sánchez. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Obelisco, 2000.
- ASSIS, J. M Machado de. *O Alienista*. Org.: Célia A. N. Passoni. 2 ed. Ver. São Paulo: Núcleo, 1996. (Coleção narrativas curtas).
- DICCIONARIO de La Real Academia Española*. Disponível em <<http://www.rae.es/rae.html>>. Acesso em maio, junho e julho/2011.
- DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. São Paulo: Editora Objetiva, 2009. (versão monousuário 3.0 em CD-Rom).
- MATTE BON, Francisco. *Gramática del español: de la idea a la lengua*. Tomo II. Nueva edición revisada. Madrid: Edelsa, 1999.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa 1*. 21 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Antônio Ozaí da. *O alienista: literatura, ciência e poder*. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/072/72ozai.htm>>. Acesso em 03/07/11.